

QUANDO O CONHECIMENTO SE TRANSFORMA EM POESIA: UMA EXPERIÊNCIA DO ENSINO DE HISTÓRIA E A LITERATURA DE CORDEL NA SALA DE AULA.

SANTIAGO, A. P.¹ - UEPB

GOMES, F. A.² - UEPB

SILVA, M. L. R.³ - UEPB

GRACINO, Paulo⁴ - UEPB

SANTOS, R. L.⁵ - UEPB

BUENO, J. B. G.⁶ - UEPB

Resumo

Este trabalho tem como objetivo principal relatar o resultado de uma experiência do PIBID realizado em duas turmas do EJA na cidade de Guarabira, utilizando a Literatura de Cordel como recurso metodológico e didático, documento histórico e avaliação. Fundamentados nas propostas do EJA, do PIBID e dos PCN, o escopo da experiência foi fazer com que os alunos interagissem com os conteúdos históricos através da leitura, da escrita e da oralidade. A experiência teve como objetivo central a busca de novas abordagens para os conteúdos históricos, de forma que os (as) alunos (as) pudessem interagir com mais intensidade durante as aulas. Outra meta foi incentivar a maioria dos (as) estudantes à prática da leitura, algo que percebemos não existir durante as nossas observações, procurando fortalecer o trabalho do (a) docente no sentido de romper com a ideia de que o fracasso escolar é algo intransponível.

Palavras-chave: Literatura de Cordel; Documento; Recurso Didático.

O que e como fazer diante do problema?

Este artigo tem como objetivo principal, relatar o resultado de uma experiência em sala de aula, desenvolvida através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), onde foi utilizada a Literatura de Cordel tanto como recurso

¹ Aluna do curso de Licenciatura em História da UEPB- bolsista do PIBID

² Aluno do curso de Licenciatura em História da UEPB- bolsista do PIBID

³ Aluna do curso de Licenciatura em História da UEPB- bolsista do PIBID

⁴ Aluno do curso de Licenciatura em História da UEPB- bolsista do PIBID

⁵ Aluna do curso de Licenciatura em História da UEPB- bolsista do PIBID

⁶ Coordenador da área de História do PIBID, professor adjunto do curso de licenciatura em História UEPB. Professor do PPGFP da UEPB, professor do PPGH da UFPB.

metodológico e didático, quanto como documento histórico e recurso avaliativo. A experiência teve como objetivo central a busca de novas abordagens para os conteúdos históricos, de forma que os (as) alunos (as) pudessem interagir com mais intensidade durante as aulas. Outra meta foi incentivar a maioria dos (as) estudantes à prática da leitura, algo que percebemos não existir durante as nossas observações, procurando fortalecer o trabalho do (a) docente no sentido de romper com a ideia de que o fracasso escolar é algo intransponível. E finalmente, pretendemos contemplar os objetivos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que propõe:

Inserir os licenciando no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docente de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem (PIBID).

Os documentos utilizados foram folhetos de Cordel e a proposta de trabalho era narrar uma história pelos textos poéticos da literatura de cordel. Escolhemos esse tipo de documento procurando despertar o interesse dos discentes pela leitura, pois é sabido que a poesia tem o dom de atrair e encantar os leitores⁷, não sendo diferente para os (as) alunos (as) do programa de Ensino de Jovens e adultos (EJA). Inicialmente, alguns conteúdos foram escritos por um integrante do grupo PIBID para o formato do cordel, visando estabelecer o primeiro contato entre os alunos e a poesia.

No segundo momento, foram apresentadas algumas obras de poetas já consagrados como Leandro Gomes de Barros, José Camelo de Melo Resende, Patativa do Assaré e outros nomes que se destacam no cordel da atualidade, para que eles (as) tivessem noções básicas de leitura de documentos históricos. E por último, a nossa avaliação se deu por meio de uma aula oficina, onde as (os) integrantes das turmas puderam escrever um texto em forma de poesia.

Para que os (as) alunos (as) pudessem desenvolver a tarefa com mais clareza, a equipe do PIBID formulou um questionário, de forma que a sequência das perguntas, quando respondidas, construiria um texto. A poesia produzida seria composta de uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão – elementos básicos de uma produção textual. O questionário fora apresentado na semana anterior à data

⁷ Lima (2006) afirma que: “Além de estimular a leitura, estudantes de qualquer faixa etária terão contato com a legítima cultura popular nordestina. As experiências obtidas [...] nos autorizam a afirmar que a receptividade entre os alunos é excelente, sobretudo em atividades como leitura em grupo e até mesmo a elaboração dos novos folhetos entre os próprios estudantes” (p.14).

estabelecida para a atividade prática avaliativa, para que todas (os) pudessem responder da forma “tradicional”, construindo, com isso, um texto dissertativo.

Expomos também as regras básicas do cordel, utilizando a obra “Acorda Cordel na Sala de Aula”, do poeta Arievaldo Viana Lima (2006), como recurso didático. Antes da avaliação, discutimos e praticamos a escrita deste tipo de linguagem.

Utilizamos alguns teóricos ligados à prática de ensino-aprendizagem, principalmente com referência ao planejamento escolar. Vasconcellos (2005) defende a ideia de que planejar significa querer mudar a realidade de forma organizada e consciente. Abordamos os temas “Trabalho escravo no Brasil” (9º ano) e “Grécia Antiga” (1º ano), dando sequência ao currículo pré-estabelecido no planejamento escolar para a disciplina.

O planejamento de nossa atividade norteou-se pelos pressupostos teóricos estabelecidos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), os quais valorizam que o professor utilize novas temáticas históricas, novas metodologias e diferentes recursos e linguagens didáticas.

Por conseguinte, os objetivos, a metodologia e a fundamentação teórica abonam a utilização da Literatura de Cordel nas salas de aula, tanto como recurso metodológico e didático, quanto como documento e recurso avaliativo da experiência.

Correndo contra o tempo

É sabido que o planejamento é essencial para a execução de qualquer tipo de atividade prática, não sendo diferente na prática de ensino-aprendizagem. Com isso, o (a) docente necessita conhecer profundamente o contexto escolar para poder, só assim, planejar as atividades a partir da realidade vivenciada. Mas não devemos esquecer que o “planejamento só tem sentido se o sujeito coloca-se numa perspectiva de mudança” (VACONCELLOS, 2005, p. 38), ou seja, na prática educativa o planejar significa querer transformar a realidade, buscando os objetivos de forma organizada e consciente.

Ao fazermos a análise inicial de nosso público-alvo percebemos que os alunos do EJA tem uma idade que não condiz com a faixa etária dos alunos da escola regular. São adultos e trabalham uma jornada de horas em diferentes atividades remuneradas.

O programa de Educação de Jovens e Adultos tem como objetivo principal dar a oportunidade àqueles (as) que estão fora da sala de aula e que estejam fora da faixa etária da escolar regular. Esse curso possibilita que os adultos concluam e deem

continuidade aos estudos (BRASIL, 2000). Os alunos do EJA enfrentam inúmeras barreiras para serem eficientes e alcançarem seus objetivos. Percebemos a ausência ou a falta de hábito da leitura de grande número dos estudantes matriculados, sendo esse, um dos grandes problemas que enfrentamos na proposição de nossa atividade educativa.

Norteados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, como também pelos Referenciais Curriculares do Ensino Fundamental da Paraíba foi possível utilizar a Literatura de Cordel⁸ como o recurso metodológico ideal para tal realidade.

A Literatura de Cordel é um recurso bastante eficiente no processo de alfabetização, tendo sido de grande valia para as classes mais afastadas dos grandes centros urbanos desde o início do século XX, sobretudo no Nordeste brasileiro (CAMPOS, 1959). Remontando ao contexto do EJA, estas classes mais afastadas dos centros urbanos referenciadas por Renato Campos no ano de 1959, corresponde atualmente às classes afastadas do espaço escolar por motivos socioeconômicos.

Desta forma, o Cordel por estar inserido no gosto popular da cultura nordestina, por ter uma linguagem mais próxima do (a) alunado (a) e pelo fato de possibilitar uma riquíssima leitura contextualizada como fonte histórica, além de permitir uma leitura menos formal, pode ser compreendido como um atrativo a mais para estimular a atenção dos (as) discentes para os conteúdos históricos, tornando as aulas de História mais prazerosas.

Outro fator importante em relação ao uso do Cordel na sala de aula é que este tipo de linguagem pode ser utilizado tanto como recurso metodológico e didático, quanto como documento histórico e avaliação prática. Como recurso metodológico atrai os (as) alunos (as) pela sua construção poética e pelas estrofes⁹ curtas e de fácil compreensão. No que diz respeito à sua utilidade como documento histórico é impressionante a riqueza de informações trazidas pelos poetas em seus folhetos. Já em relação à avaliação, podemos perceber como os alunos criam significados históricos através dos versos que eles compõem.

⁸ Segundo Haurélio (2010), a Literatura de Cordel é um meio de comunicação surgido na Península Ibérica e trazido para o Nordeste brasileiro pelos colonizadores europeus. Floresceu no Brasil no último quartel do século XIX, sendo considerada uma poderosa ferramenta de alfabetização e de incentivo à leitura.

⁹ Uma estrofe é o conjunto de versos (ou linhas) que formam um trabalho poético, em geral com sentido completo.

Para ratificar o Cordel como documento histórico, recorreremos ao pensamento de Marc Bloch (2001), quando afirma que tudo o que foi produzido pelo homem deve ser considerado como documento histórico. Portanto, o folheto de Cordel, está diretamente ligado a uma subjetividade local e regional, possibilitando que reconheçamos indícios de formas de comportamento, de costumes, de tradições culturais, dentre outras possibilidades de informações.

Quanto ao Cordel como recurso de avaliação da prática de ensino-aprendizagem, compreende-se que este pode ser um instrumento bastante inovador e gratificante para a comunidade escolar. Schmidt e Garcia (2005), no seu artigo *Perspectivas da didática da educação histórica*, afirmam que a aula oficina segue passos importantes, fazendo com que os (as) alunos (as) interpretem fontes de forma contextualizada, dialogando com os conteúdos históricos, ao mesmo tempo em que possibilita a socialização dos mesmos, ou seja, é um recurso que favorece à prática da avaliação de forma diferenciada e que necessita ser vista com bons olhos pelos (as) profissionais da área.

Partindo desta ideia, fizemos o planejamento da aula oficina procurando adequá-lo ao tempo curto das aulas, propondo atividades curtas que estimulassem a leitura, a escrita e a oralidade, possibilitando que os alunos pudessem produzir um conhecimento histórico que trabalhasse as relações entre o tempo passado e o tempo presente através do reconhecimento de correspondências com os problemas da atualidade.

Vamos fazer poesias?

Afirmar que a poesia tem o dom de encantar e atrair as pessoas é senso comum, sendo uma ideia facilmente aceita e compreensível. No entanto, dizer que a mesma poesia assusta e retrai os indivíduos pode soar um pouco estranho para a maioria dos leitores. De fato, estas são questões que propomos trabalhar nesta parte do artigo, discutindo como se deu a execução de uma aula oficina com o cordel.

Ao comunicarmos para os alunos que iríamos desenvolver uma oficina em sala de aula utilizando a Literatura de Cordel, num mesmo momento com os alunos do 9º ano do ensino fundamental e com os da turma do 1º ano do ensino médio – EJA –, pudemos vislumbrar a expressão de assombro estampada na face de cada um (a) deles (as).

Não foi tarefa fácil desenvolver a experiência na Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Antonio Benvindo sem nos distanciarmos do planejamento

escolar feito pela professora supervisora do projeto. Neste caso, os conteúdos históricos determinados foram: Trabalho escravo no Brasil (para a turma do 9º ano) e Grécia Antiga (para a turma do 1º ano).

Inicialmente apresentamos aos alunos algumas regras relativas à composição de uma poesia de cordel. Em seguida explicamos como a oficina transcorreria, solicitando que os alunos formassem grupos. A turma do 9º ano ficou composta por apenas oito pessoas, não sendo necessária a divisão em grupos. Enquanto que o 1º ano possuía vinte integrantes, e foram divididos em três grupos.

Solicitamos que os alunos do ensino fundamental discorressem sobre os seus conhecimentos que envolviam o tema “Trabalho escravo no Brasil” e atentassem para o questionário apresentado anteriormente. Dentro dessa proposta fizemos intervenções que trabalhavam com o conceito de escravos no Brasil e na Grécia antiga. Estas intervenções tiveram o objetivo de desmistificar a ideia de inferioridade da raça negra e que na história não eram só os negros que se tornavam escravos. No transcorrer das discussões percebemos que os alunos buscavam no passado histórico informações e explicações que justificavam a não inferioridade dos negros em relação aos brancos. Isso ficou evidente na produção dos versos dos alunos do 9º ano feitos após essa primeira etapa dos trabalhos.

Pudemos, então, perceber que surgiu uma produção de uma estrofe em sextilha que merece bastante reflexão: *“Vamos fazer poesias / Para a nossa satisfação / E o tema escolhido / É a nossa escravidão / Porque o trabalho escravo / É feito de exploração”*.

Queremos chamar a atenção para esta passagem porque ela representa o conteúdo da introdução do texto proposto, e como podemos ver, além de trazer belos versos, coloca-se em uma postura crítica diante da realidade vivida pelos escravos, percebendo o trabalho escravo como atividade de exploração da força de trabalho. Entendemos que isto significa que os (as) alunos (as) conseguiram interpretar o texto proposto e que reconheceram qual era o objetivo principal do trabalho escravo.

Além desta estrofe (em sextilha) os alunos produziram mais onze estrofes em quadras, totalizando doze estrofes, cada qual expondo sentidos e apresentando significados históricos relativos ao tema trabalhado.

Achamos por bem transcrever toda a produção desta turma para que possamos avaliar o “todo” da atividade escrita.

TRABALHO ESCRAVO NO BRASIL

Vamos fazer poesias
Para a nossa satisfação
E o tema escolhido
É a nossa escravidão
Porque o trabalho escravo
É feito de exploração.

A gente já estudou
E agora iremos mostrar
O que é escravidão
E do negro desmistificar.

Na Grécia o escravo não era
Considerado cidadão
A África também forneceu
Para o mundo uma porção.

Desde o início dos tempos
Existe a escravidão
Quando o Império Romano
Ergueu a sua grande nação.

Os negros foram vendidos
América e tantas outras nação
Para servir de mão de obra
E alimentar a produção.

O escravo sofredor
Tinha a vida castigada
Apesar de trabalhar
Passava a vida na senzala.

O escravo sofredor
Tinha a vida castigada
Apesar de trabalhar
Só levava chicotada.

Vamos fazer poesias
Para a escravidão
E o tema escolhido
O preconceito no Brasil.

No Brasil a escravidão
Se deu primeiros com os nativos
Que das ordens dos senhores
Fugiram e saíram vivos.

Da África trouxeram negros
Que sem opção obedeceu
Aqui foram vendidos
E muito deles morreu.

Nos mercados negreiros
Como animais escolhidos
Dos canaviais inteiros
Assim que foram vendidos.

O negro trabalhava
Pesado, pacífico e obediente
Ameaçado pelo chicote
E amarrado na corrente.

(9º ANO)

É visível algumas imperfeições no que concerne à métrica do cordel, mas este fundamento jamais foi priorizado em nossa experiência. Por outro lado, quando os (as) alunos (as) escrevem: “*A gente já estudou / Agora iremos rimar / O que é escravidão / E do negro desmistificar*”, eles (as) se referem ao objetivo da atividade, ou seja, romper com o pressuposto de que escravidão é apenas coisa de negro. Este objetivo ratifica-se quando compreendido a partir da estrofe que diz que “*No Brasil a escravidão / Se deu primeiro com os nativos / Que das ordens dos senhores / fugiram e saíram vivos*”. Percebemos aí que os alunos não fizeram apenas um jogo de palavras visando a rima poética, mas identificaram no passado histórico, através da figura do índio brasileiro, uma comprovação de que outras raças também foram alvo da escravidão.

Já na estrofe, “*Desde o início dos tempos / Existe a escravidão / Quando o Império Romano / Ergueu a sua grande nação*”, os alunos procuram enfatizar a ideia de que a escravidão nem sempre esteve ligada à inferioridade negra. Aliás, em uma das discussões em sala de aula sobre a temática, explicamos que as primeiras formas de escravidão conhecidas na história aconteceram logo após os homens deixarem de serem caçadores e coletores e se tornarem plantadores e criadores. Na poesia apresentada

notamos, no entanto, que faltou citação ao tempo histórico adequando os fatos à sua temporalidade. Concluímos que este é um problema que teremos que enfrentar no desenvolvimento de futuras atividades, mas constatamos junto à professora supervisora que as dificuldades relativas à compreensão do tempo histórico acontecem também entre os alunos do ensino básico regular e não somente entre os alunos do EJA.

Já a turma do ensino médio teve como “missão” construir versos poéticos sobre a Grécia Antiga, abordando os conceitos de Cidadão/Cidadania, Democracia e Mitologia. A partir destes conceitos básicos, o objetivo seria identificar a importância do legado grego para os nossos dias, ou melhor, fazer a relação passado/presente, identificando algumas mudanças e permanências existentes entre esses tempos históricos.

Não diferente da outra turma, o 1º ano também esbanjou encantamento ao trabalhar com a poesia na sala de aula, demonstrando isto já no princípio da produção: *“A gente já estudou / E agora vamos rimar / Fazer versos / Sobre a Grécia / E a sua História Mostrar”*.

Quando eles (as) asseguram que *“A gente já estudou”*, não deixam dúvidas de que realmente se preocuparam em compreender o conteúdo para poderem dizer a todos, *“E agora vamos rimar / Fazer versos sobre a Grécia / E a sua história mostrar”*.

A quantidade de estrofes produzidas por esta turma foi superior a quantidade produzida pela turma do 9º ano, no entanto, nosso objetivo não foi fazer uma avaliação quantitativa e sim qualitativa da experiência.

Um grupo de sete integrantes discorreu sobre o conceito de Cidadão/cidadania; outro, também de sete membros, descreveu a análise sobre a Democracia; enquanto que o composto por seis pessoas falou um pouco sobre a Mitologia. A turma totalizou dezesseis estrofes em quadras, não sendo possível identificar qual grupo produziu o quê, uma vez que os grupos dialogaram e buscaram informações com os demais companheiros. Vejamos na íntegra o resultado concreto da experiência com os (as) alunos (as) do 1º ano.

GRÉCIA ANTIGA

A gente já estudou
E agora vamos rimar
Fazer versos sobre a Grécia
E a sua história mostrar.

A Grécia foi o palco
De uma grande civilização

Que desenvolveu para além
De sua limitação.

Como a gente estudou
E agora vamos mostrar
A Democracia da origem grega
Que fez o governo mudar.

Na Grécia Antiga, o regime
Era um tal de Tirania

Que veio ter o seu fim
Pra surgir a Democracia.

Até os dias de hoje
Temos o povo no poder
Isso vem da Grécia Antiga
É o que podemos ver.

A Democracia é um governo
Com o povo no poder
Que vem lá da Grécia Antiga
E até hoje podemos ver.

Na Grécia apareceu
E está na nossa memória
O conceito de cidadão
Que até hoje faz história.

Cidadão é um indivíduo
Como membro de um Estado
Desempenha seus deveres
E tem direito reservado.

Na Grécia Antiga era assim
Os homens eram cidadão
E como podemos ver hoje
As mulheres também são.

Mulheres e escravos
Não tinham cidadania
E só por esse motivo
Não exerciam a Democracia.

O cidadão na Grécia Antiga
E o cidadão atual
Tem os direitos redigidos
Pelo poder estadual.

O cidadão é uma pessoa de bem
Que trabalha com sinceridade
Pra ganhar o pão de cada dia
Pra viver em sociedade.

Na Grécia tem cidadão
E também Democracia
Não podemos esquecer
A grande Mitologia.

O conjunto de Mitos
Que forma a Mitologia
Era como os gregos explicava
Tudo o que existia.

Sou um cidadão do bem
E se você é cidadão
Compartilhe isto comigo
Será um grande amigo.

A gente já fez a rima
E agora vamos encerrar
Nós falamos sobre a Grécia
Buscando a história mostrar.
(1º ANO)

Chamamos a atenção para o valor da produção. Como a intenção inicial era trabalhar com a relação passado/presente, identificando na escrita às mudanças e permanências a partir da civilização grega, percebemos que alcançamos um resultado satisfatório.

Por exemplo, na estrofe que diz que “*Na Grécia Antiga, o regime / Era uma tal Tirania / Que veio ter o seu fim / Pra surgir a Democracia*”, demonstra que os (as) alunos (as) identificaram a origem da democracia, relacionando com o nosso tempo, pois “*Até os dias de hoje / Temos o povo no poder / Isso vem da Grécia Antiga / é o que podemos ver*”. Assim, eles (as) perceberam que, por viverem em um país democrático, a civilização grega deixou um ótimo legado para os nossos dias. E mais, as (os) alunas (os) produziram uma conceituação do termo Democracia: “*A Democracia é um governo / Com o povo no poder / Que vem lá da Grécia Antiga / E até hoje podemos ver*”.

Se existe Democracia, também existem cidadão e cidadania na História grega, mas isso não passou despercebido à escrita do grupo. Não temos dúvida de que os (as) alunos (as) compreenderam as diferenças entre os conceitos: Democracia, cidadania e cidadão grego, pois perceberam mudanças e permanências, transcrevendo para forma

poética: “*Na Grécia Antiga era assim / Os homens eram cidadão / E como podemos ver hoje / As mulheres também são*”. Isto nos remete às discussões da sala de aula, quando debatíamos acerca de quem era considerado cidadão na Grécia e quem é hoje no Brasil. Esta turma de alunos também explicou esta questão, quando afirmou em versos que na Grécia Antiga “*Mulheres e escravos / Não tinham cidadania / E só por esse motivo / Não exerciam a Democracia*”.

Infelizmente, pouco foi expresso pelos (as) alunos (as) sobre a Mitologia grega e a sua importância para os dias atuais, mas afirmaram (em conversas informais) que a Democracia e a Cidadania estão mais presentes nas suas vidas, por isso o maior interesse. Isso nos provocou a lembrança das palavras de Boschi (2007), quando diz que “é importante estudar História: para que possamos nos conhecer melhor”, até porque “História é vida, a sua vida, a vida de todos os seres humanos em todas as épocas” (p. 10). Apesar do pouco espaço reservado à discussão do conceito de Mitologia percebemos que os alunos identificaram alguns valores que as histórias da mitologia tiveram na formação das sociedades ocidentais. “*O conjunto de mitos / Que forma a Mitologia / Era como os gregos / Explicava tudo o que existia*”, percebendo que é comum para o ser humano buscar explicações para tudo que o rodeia.

Neste caso, percebemos também, a ausência da localização do tempo histórico nas poesias, mas sobressaiu-se a construção das relações entre o passado e o presente. Por isso, acreditamos que os alunos compreenderam os dois conceitos políticos – sociais que são notados mais facilmente em suas vidas cotidianas.

Com estas informações, nós afirmamos que os objetivos predeterminados para cada conteúdo histórico foram atingidos com êxito através da Literatura de Cordel como recurso didático.

A avaliação foi realizada pela análise das poesias de Cordel produzidas pelos alunos. Percebemos que essa atividade foi muito envolvente, atraindo o alunado tanto no aspecto individual quanto no coletivo. Desencadeou-se um processo de prática pedagógica através da colaboração mútua, sem nos esquecermos de que para um bom desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, jamais podemos nos distanciar das especificidades do contexto escolar.

Considerações finais

Parafrazeando Caio Boschi (2007), nós podemos afirmar categoricamente que a compreensão da nossa realidade está relacionada à compreensão do nosso passado histórico, ou melhor, o autor defende que “quem se dedica a estudar História não o faz pela simples busca de cultura ou de conhecimento genérico, mas para compreender melhor a realidade na qual se insere” (BOSCHI, 2007, p. 11). Isto não se distancia da realidade que estamos inseridos, afinal, precisamos conhecer o passado histórico do processo educacional para agirmos conforme a necessidade. É nesta direção que deve se posicionar o profissional da área da educação, para só assim poder compreender o contexto escolar e, conseqüentemente, fazer um apanhado geral e poder agir diante da realidade de todos inseridos nesta comunidade.

Identificamos os problemas a partir das observações realizadas no cotidiano da comunidade escolar; procuramos planejar as nossas ações de acordo com a situação vigente; buscamos suportes em outras áreas de ensino, pois é sabido que o cordel está ligado à área da literatura; para só então, podermos adequar os objetivos da aula oficina.

Com base nas atividades desenvolvidas e pelas orientações recebidas acreditamos ter desenvolvido uma boa experiência com as turmas do EJA, da Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Antonio Benvindo – Guarabira/PB -, utilizando a Literatura de Cordel como recurso metodológico e didático, como documento histórico e como avaliação da prática.

Um aspecto relevante para a nossa ação foi referente ao uso da poesia de cordel como instrumento de avaliação. De acordo com Fernandes (2008), a aula oficina é uma atividade que constrói novas perspectivas para o ensino de História, mas entende-se que o planejamento bem construído é o caminho ideal a ser seguido para a obtenção dos objetivos desejados. Segundo a autora, existe outro caminho que também deve ser levado em consideração para construir novas perspectivas e fortalecer a Aula Oficina. Trata-se da seleção e arquivamento dos trabalhos produzidos a partir da realização final da atividade. Além do mais, essas produções poderão se transformar em documentos que possibilitarão a abertura de novos caminhos e de novas perspectivas para o ensino de História nas escolas básicas.

Sem dúvidas, chegamos à conclusão de que o “susto” causado aos (às) alunos (as) do EJA, quando propusemos a construção de versos rimados, no início das atividades, foram superados pela satisfação de poder expressar o conhecimento histórico adquirido, através da poesia, construindo um ambiente agradável em torno dos conteúdos históricos, e, mais do que isso, os alunos produziram um pequeno folheto de

cordel que poderá ser utilizado como documento histórico a ser explorado por aqueles que buscam novos meios de chamar a atenção dos (as) alunos (as) para as aulas de história.

Referências

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BOSCHI, Caio César. **Por que estudar História?**. São Paulo: Ática, 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação. **Conselho da Educação**. Parecer CNE/CEB 11/2000.

CAMPOS, Renato Carneiro. **Ideologia dos poetas populares do Nordeste**. 1 ed. Recife: Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife, MEC - INEP, 1959.

FERNANDES, L. Z. **A Reconstrução de aulas de História na perspectiva da Educação Histórica**: da aula oficina à unidade temática investigativa. In: Anais do VIII Encontro Nacional de Pesquisadores de Ensino de História: Metodologias e Novos Horizontes. São Paulo: FEUSP - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2008.

HAURÉLIO, Marco. **Breve História da Literatura de Cordel**. São Paulo: Claridade, 2010.

LIMA, Arievaldo Viana (org.). **Acorda Cordel na Sala de Aula**. Fortaleza: Tupynanquim, 2006.

PARÁIBA. **Referenciais Curriculares do Ensino Fundamental: Ciências Humanas, Ensino Religioso e Diversidade Sociocultural**. João Pessoa: SEC/Grafset, 2010.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tânia Maria Garcia. **Perspectivas da didática da educação histórica**. 2005.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político pedagógico**. 14. ed. São Paulo: Liberta, 2005, p. 35-77.